



## “AS CURAS DE JESUS” DE CLÁUDIO PASTRO

### *“THE HEALINGS OF JESUS” BY CLÁUDIO PASTRO*

Christiane Meier

**RESUMO** – Este artigo tem por finalidade procurar o sentido do políptico **Curas de Jesus** de autoria de Pastro na atualidade. Para tanto, resgataremos a tradição cristã de acolher enfermos. Verificaremos a importância da iconografia em transmitir exemplos de fé que curaram doentes e, a seguir, observaremos os sete painéis integrantes de políptico e suas respectivas mensagens.

**PALAVRAS-CHAVE** – Arte sacra, Curas de Jesus, Cláudio Pastro, Hospital Santa Catarina

#### **Introdução**

No saguão de entrada do Hospital Santa Catarina, em São Paulo, encontra-se o políptico das **Curas de Jesus**, de Cláudio Pastro<sup>1</sup>, tema baseado na vida pública do Salvador. Observaremos sua iconografia e a recepção das cenas

**ABSTRACT** – The purpose of this article is to search for the meaning in present day of the polyptych **Jesus' Healings** painted by Pastro. For this, we will pursue the Christian tradition of taking care of the diseased. We will verify the importance of iconography in transmitting examples of faith that healed the sick and following we will look at the seven panels of the polyptych and their respective messages.

**KEYWORDS** – Sacred art, Jesus' Healings, Cláudio Pastro, Hospital Santa Catarina

narradas nos Evangelhos na arte e na sociedade contemporâneas.

As características inovadoras do cristianismo, como a acolhida de doentes, viúvas e órfãos chamou a atenção e atraiu seguidores desde os anos de missão do Nazareno. Os cristãos eram conhecidos

<sup>1</sup> Cláudio Pastro (1948-2016) - artista plástico paulistano dedicou-se à arte sacra.



por cuidar dos seus, segundo Brown (2010, p. 69). Podestá e Vian (2013) informam que “nas sociedades antigas os mecanismos de apoio eram quase inexistentes” (p. 53) e o sistema de doações e de cuidado dos seguidores de Jesus oferecia esperança de sobrevivência aos necessitados.

O Catecismo da Igreja Católica – Compêndio informa que o Salvador instituiu os sacramentos da cura, isto é, o da Penitência e o da Unção dos Enfermos:

Cristo, médico da alma e do corpo, instituiu-os porque a vida nova, que Ele nos deu nos sacramentos da iniciação cristã, pode ser enfraquecida e até perdida por causa do pecado. Por isso, **Cristo quis que a Igreja continuasse a sua obra de cura** e de salvação mediante estes dois sacramentos. (CATECISMO, §295, grifo nosso).

Lemos ainda como a Igreja atual se comporta diante dos doentes:

**A Igreja**, tendo recebido do Senhor a ordem de curar os enfermos, **procura pô-la em prática com os cuidados para com os doentes**, acompanhados da oração de intercessão. Ela possui

sobretudo um sacramento específico em favor dos enfermos, instituído pelo próprio Cristo [...]. (CATECISMO, §315, grifo nosso).

Desta forma, vemos a comunidade cristã e os membros de sua Igreja acolher e socorrer doentes ao longo de 2.000 anos. Na contemporaneidade, ainda nos deparamos com hospitais fundados e administrados por ordens religiosas, como o Hospital Santa Catarina em São Paulo/Capital, ligado à Congregação das Irmãs de Santa Catarina<sup>2</sup>.

Ao entrar no hospital, em seu átrio, deparamo-nos com sete painéis representando **As Curas de Jesus**. A instituição encontra-se no coração financeiro da metrópole e em um dos pontos de maior dinamismo e agitação da cidade. Contudo ao chegar ao saguão principal, muitas vezes com o coração apertado e preocupado, deparamo-nos com **As Curas** (fig. 1) e, sendo crentes ou não, por um momento, somos acolhidos por Aquele que curou corpos e almas e que está conosco todos os dias. Um momento de alento e de esperança.

<sup>2</sup> Segundo a Associação Congregação de Santa Catarina: “em 1571, Regina Protmann, com 19 anos de idade, funda, na Europa, a Congregação

das Irmãs de Santa Catarina, uma comunidade dedicada à oração, o cuidado aos doentes e ensino escolar.”, em <http://novo.acsc.com.br/>



Figura 1

As curas de Jesus, Cláudio Pastro, átrio do Hospital Santa Catarina, São Paulo, 2004

Na disposição mostrada pelo artista no livro<sup>3</sup> comemorativo dos cem anos do hospital, o painel encontrava-se em outro local, atrás da recepção, o que enfatizava ainda mais o sentido de acolhimento.

No texto de abertura desse livro, Irmã Lia Gregorine escreve: “A Deus toda a glória pelas tantas graças recebidas nos cem anos de existência do Hospital Santa

Catarina. [...] **Espaço sagrado onde a vida acontece do nascer ao morrer.**” (HOSPITAL, p. 7, **grifo nosso**). Assim ao deixar a agitada Av. Paulista e entrar no prédio, preocupados com a saúde de entes queridos, a obra de Pastro ali presente recorda-nos que não estamos sós, que há esperança no acolhimento d’Aquele que cura.

<sup>3</sup> Hospital Santa Catarina 1906-2006, Grafa Editora, São Paulo, 2006



Figura 2

Antiga recepção do Hospital Santa Catarina, São Paulo, 2006

O Anjo do Senhor fala a José em sonho:

[...] a virgem conceberá e dará à luz um filho  
E o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: “Deus está conosco”. (Mt 1,23)

Mateus termina seu evangelho com as palavras do Salvador: “estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt 28, 20). Podemos inferir assim que Jesus, o Emanuel, está ao nosso lado desde o princípio, todos os dias, e, sempre que precisarmos Dele.

O conjunto pictórico é formado por sete painéis, número significativo desde a

Antiguidade, que “simboliza a totalidade, a perfeição” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 1837). Sete é a soma de três (Deus uno e trino - o divino) e quatro (a terra com quatro pontos cardeais - o humano), portanto o divino no humano, Deus na terra, o Emanuel.

### A imagem sacra

De acordo com Pastro (2010), “a imagem une ou desune, cria uma comunhão de vida ou desintegra-nos. Une o contemplado a quem o contempla, o observado a quem o observa.” (p. 33) Adiante ele esclarece que “na imagem está presente o invisível que lhe dá a vida.” (p.



34). Desta forma, as imagens de Jesus curando pode nos remeter à ideia de que Ele estaria presente, assistindo aos nascimentos, às convalescenças e até mortes que ocorrem no interior do hospital. Ele está sempre presente, ao nosso lado, dando esperança de um bom parto, de pronto restabelecimento ou até confortando na morte.

O artista reafirma que a iconografia empregada de forma correta, como no caso da imagem sacra, simbólica e não de cunho estético, une aquele que a contempla com o transcendente, com o que está ali simbolizado. “Imagens usadas indevidamente não unem, mas desunem. A imagem que une passa a mensagem: é o Símbolo.” (PASTRO, 2010, p.74). Adiante, reitera: “O Sagrado fala pela imagem. Nós podemos dialogar com o Sagrado através do Símbolo” (*ibidem*, p.75). Portanto, ao ingressar no saguão e observar os painéis, o visitante crente ou não, poderia ser transportado a uma dimensão diversa da correria e das inquietações do dia-a-dia e talvez chegar a sentir alento e esperança, dialogando em silêncio, em seu íntimo com a obra.

Recentemente, Papa Francisco<sup>4</sup> se pronunciou a respeito do poder de esperança que a arte nos dá. Disse ele:

Na criação artística podemos reconhecer três movimentos. O *primeiro movimento* é o dos sentidos, que são apreendidos com maravilha e admiração. Esta dinâmica inicial,

exterior, estimula outras mais profundas.

O *segundo movimento*, com efeito, toca a interioridade da pessoa. Uma composição de cores, palavras ou sons tem o poder de comover a alma humana. Desperta memórias, imagens, sentimentos...

Mas o movimento generativo da arte não acaba aqui. Há um *terceiro aspeto: a percepção e contemplação da beleza gera um sentimento de esperança*, que também se irradia no mundo circundante. Neste ponto, os movimentos exterior e interior fundem-se e, por sua vez, incidem nas relações sociais: geram a empatia capaz de compreender o outro, com o qual temos tanto em comum. (grifo nosso).

Este pensamento ecoa frase proferida pelo Papa Paulo VI ao final do Concílio Vaticano II, em 8 de dezembro de 1965, quando afirmou que “o mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desespero”.

### Os painéis de Cláudio Pastro

A obra de Pastro no átrio do hospital dialoga com a vocação do prédio, parte da Igreja, já que segue preceitos ditados por Jesus a seus discípulos, pois que Ele ordenou que acolhessem e cuidassem de enfermos e moribundos. Lemos em Potestá e Vian (2013) que, em meados do século IV,

<sup>4</sup> Discurso do Papa Francisco aos artistas por ocasião do concerto de natal no Vaticano, 12 de dezembro de 2020.



a vida dos cristãos está voltada para a caridade, vista como reflexo da caridade divina. [...] Em 372, [Basílio de Cesaréia] tinha afirmado ter iniciado a construção de alojamentos para forasteiros, peregrinos de passagem e enfermos necessitados de cuidados, dotando-os de enfermeiros, médicos [...]. (POTESTÁ. VIAN, 2013, p. 68).

Os autores prosseguem explanando que “quanto mais distante da capital [...], mais a manutenção geral das sociedades citadinas era confiada aos bispos, comprometidos cada vez mais com a assistência cotidiana aos pobres, até com novas e especiais instituições” (*ibidem*, p.79), como os alojamentos para enfermos mencionados anteriormente.

Consultando o verbete “hospital” no dicionário Houaiss<sup>5</sup>, verificam-se duas acepções: 1) substantivo masculino: estabelecimento próprio para internação e tratamento de doentes ou de feridos, ou 2) adjetivo de dois gêneros: que age com hospitalidade, com benevolência; hospitaleiro, acolhedor. O dicionário informa ainda que a palavra provem do latim *hospitale, is* no sentido de 'casa para hóspedes'. Inferimos assim as duas acepções aos hospitais na atualidade, como o Santa Catarina: local de acolhimento e internação daqueles que necessitam tratamento médico.

A arte de Pastro presente no hall de entrada do hospital é uma pintura sacra, simbólica, que tem por objetivo unir o

divino ao observador e pode vir a proporcionar a presença do transcendente, do Emanuel, e talvez dar-lhe a sensação de conforto e esperança. Sete são as cenas representadas: o paralítico; dois cegos; o surdo-mudo; a hemorroíssa; o cego de Betsaida; o epiléptico e a ressurreição de Lázaro. A pintura não é majestosa, ao contrário, o traço é econômico, as cores são chapadas e a paleta é enxuta; sua forma simbólica remete-nos a outro espaço e tempo. O artista escreveu a respeito da obra: “são poucas as cores e essas são chapadas, puras, sem nuances. A luz provém da cor em si e não de uma fonte externa.” (PASTRO, 2010, p.107).

Chama a atenção o tamanho do manto de Jesus, dominando as narrativas, seja acolhendo, como na primeira; hierático, na segunda; fluido, orgânico, na terceira; com dignidade no quarto; a seguir, antigo, à moda imperial romana; no penúltimo, muito enfático e extenso; e, por último, uma quase mortalha, talvez prefigurando o que aconteceria no futuro. Todas as sete iconografias mostram dinamismo, tanto no sentido de ação como de ritmo. Trata-se de um Jesus em atividade, ordenando que o paralítico se levante, curando com as mãos, expulsando demônios e, por fim, ressuscitando. O último painel não é uma cura propriamente dita; trata-se do ápice dos milagres, a ressurreição de seu amigo Lázaro.

5

[https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v5-4/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1)



O quarto painel ao centro é o único que retrata uma mulher, a hemorroíssa, a que sofria de sangramento. Ao colocá-la no meio, o artista lhe dá destaque assim como nos sarcófagos da Protoigreja a cena principal estava centralizada. Rupnik (2019) explica que “os sarcófagos são lidos a partir de dentro, do centro” (p.61). Sabendo que Pastro retorna à arte dos primeiros cristãos, por analogia, a leitura dos painéis poderia iniciar pela hemorroíssa.

Seguindo a indicação de Pastro sobre suas fontes e olhando o políptico do meio para as extremidades, como em narrativas dos sarcófagos, notaremos que as três cenas ao centro são do Evangelho de Marcos, as duas antes das pontas, de Mateus e as últimas, uma de Mateus e outra de João. Encontramos então o esquema Mt–Mt–Mc–Mc–Mc–Mt–Jo; se Mateus é A, Marcos B, e João Jo, o deparamo-nos com a estrutura A-A-B-B-B-A-Jo.

No painel central, observamos duas pessoas diante de um fundo vermelho intenso; os três painéis à esquerda tem fundo ocre/mostarda e os três à direita, lilás. Os mantos de Jesus podem ser vermelho ou púrpura, ambas as cores da

divindade, ou ainda branco tabórico (BORGES, 2021), denotando a Transfiguração e/ou a Ressurreição.

O Jesus de Pastro é magro e longilíneo, um andarilho como supomos tê-Lo sido nesta fase da vida. Seu rosto não é naturalista, mas segue a tipologia da Santa Face: barba e bigode, cabelos médios e repartidos ao meio, olhos grandes e amendoados, boca pequena e cerrada.

A hemorroíssa (fig. 3): única passagem na qual aparece uma mulher e em que a cor vermelha predomina. Ela era pessoa de grande fé e não foi tocada por Jesus para sarar, como nos demais episódios; bastou ela pegar em seu manto para se convalescer. O Evangelho descreve que Jesus teve “consciência da força que dele saía” (Mc 5, 30) ao ser tocado.

O Salvador olha para trás ao ser tocado e encara a mulher que denota humildade; somente uma das mãos de Jesus pode ser vista e sugere surpresa. Se o rosto de Jesus segue a tipologia da Santa Face, o da mulher se parece com o Dele. Lembremos que Cristo é a face de Deus, como Ele mesmo disse: “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9); e, como fomos feitos à imagem e a semelhança de Deus (Gn 1,26), ela tem assim as mesmas feições do Filho.



Figura 3

A hemorroíssa, Cláudio Pastro, Hospital Santa Catarina, São Paulo, 2004

O surdo-mudo (fig. 4): caminhando para a esquerda, a primeira cena é a do surdo-mudo, passagem do Evangelho de Marcos. Ordenou o Senhor: “*Effatha*’... ‘Abre-te!’ Imediatamente abriram-se-lhe os ouvidos e a língua se lhe desprende, e falava corretamente.” (Mc 7, 34-35).

Observamos o surdo-mudo sentado e o Salvador encurvado, envolvendo sua cabeça com um braço e, com uma mão, tocando o ouvido e, com a outra, a boca.

O manto de Jesus é uma grande superfície branco-esverdeada com linhas sinuosas em tons de ocre e branco, tomando a maior parte da tela.

Dois cegos (fig. 5): a seguir está a cura de dois cegos. Perguntou Jesus a eles: “Credes vós que tenho poder de fazer isso [curá-los]?” Eles responderam: ‘Sim, Senhor’. Então lhes tocou os olhos e disse: ‘Seja feito segundo a vossa fé.’ E os seus olhos se abriram.” (Mt 9, 28-29).





Figura 4

O surdo-mudo, Cláudio Pastro, Hospital Santa Catarina, São Paulo, 2004

Os dois cegos carregam bengalas em suas mãos e estão em pé diante de Cristo. Um dos homens tem seu braço sobre o ombro do outro, abraçando-o de forma amistosa; já o segundo tem a mão sobre o peito, denotando aceitar a ação do Senhor. Jesus está igualmente em pé, com os dois braços estendidos e tocando os olhos dos cegos para curá-los. O vermelho de seu manto sobressai do fundo mostarda.

O paralítico (fig. 6): o último painel à esquerda traz a cura do paralítico. Jesus disse: “Tem ânimo, meu filho; os teus pecados te são perdoados.” (Mt 9,2). Em seguida, o Salvador ordena: “Levanta-te, toma tua cama e vai para casa”. Ele se levantou e foi para casa.” (Mt 9,6-7).



Figura 5

Dois cegos, Cláudio Pastro, Hospital Santa Catarina, São Paulo, 2004

Jesus não o toca, mas a força de sua palavra, da ordem dada de ter ânimo e ir para casa que curou o paralítico. Aqui o braço esquerdo estirado e alongado do Messias levanta o manto e acolhe o

doente, assim como Ele o faz com cada um de nós que está diante da imagem. Ele olha o enfermo nos olhos, com profundidade, e suas mãos indicam o caminho a ser tomado, denotando ternura.



Figura 6

A cura do paralítico, Cláudio Pasto, Hospital Santa Catarina, São Paulo, 2004





**Figura 7**

Anunciação, Giotto, capela Scrovegni, Pádua, Itália, 1305

A postura dos braços cruzados diante do peito que vemos no parálítico é conhecida pelo menos desde o início do século XIV. Encontramos este gestual na Anunciação de Giotto (fig. 7), na Capela

Scrovegni em Pádua; atitude que demonstra humildade do parálítico e acolhimento do que está sendo-lhe ordenado, assim como Maria acolhera, humildemente, a vontade divina.



**Figura 8**

O cego de Betsaida, Cláudio Pastro, Hospital Santa Catarina, São Paulo, 2004

O cego de Betsaida (fig. 8): retornando ao centro e seguindo para a direita, a primeira cena é a do cego em Betsaida, narrativa de Marcos e não mais de Mateus, como a dos dois cegos. Jesus “cuspindo-lhe nos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: ‘Percebes alguma coisa?’ E

ele, começando a ver, disse: ‘Vejo as pessoas como se fossem árvores andando.’” (Mc 8, 22-24)

Aqui, por primeira e única vez no políptico, encontramos um fundo trabalhado: há três árvores, talvez



z refletindo a visão do cego. O colorido também muda de tons ocre/mostarda para lilás. Tanto Jesus como o cego estão em pé, um de frente para o outro, e o Messias toca-lhe olho com ambas as mãos, com olhar muito concentrado no que faz. Seus pés indicam que é Ele que vai ao encontro do cego, a operar a cura. As linhas curvas do manto do Senhor e sua postura denotam vigor e ação, dando força expressiva ao quadro.

O epilético (fig. 9): a penúltima narrativa traz-nos a cura do epilético, mal da alma e não mais do corpo, como as histórias anteriores, recordando que Jesus

tratava do corpo e da alma. “Senhor, tem compaixão de meu filho, porque é lunático e sofre muito com isso. [...] Jesus replicou: [...] ‘Trazei-o aqui’. Jesus o conjurou severamente e o demônio saiu dele. E o menino ficou são a partir desse momento.” (Mt 17, 15-18)

Nesta cena, Pastro retrata o Nazareno com uma túnica branca com borda trabalhada em dourado, toga tabórica (BORGES, 2021), sugerindo a antecipação da Ressurreição/*Anastasis*, já que *chronos*/tempo histórico não é o tempo do Senhor. Ele sempre esteve e sempre estará entre nós, pois Ele é o Emanuel.



Figura 9

O epilético, Cláudio Pastro, Hospital Santa Catarina, São Paulo, 2004



O epiléptico está caído aos pés de Jesus que o segura pelo pulso, para levantá-lo, assim como Ele agarrou o pulso de Adão e Eva ao ressuscitá-los, quando desceu à Mansão dos Mortos. Observamos que Ele tem os dois braços abertos, como o terá ao ser crucificado, amalgamando vários momentos de sua passagem por este mundo: Crucificação, Descida ao Inframundo e Ressurreição, reforçando a mensagem de que Jesus é Cronocrator, Senhor do Tempo – e Pantocrator, Senhor do Universo, Criador e Redentor (TOMMASO, 2017, p. 221). A imagem denota a força da ação, o dinamismo e a autoridade de Cristo.

A ressurreição de Lázaro (fig. 10): por último, temos a cena da ressurreição de Lázaro narrada por João. Segundo o Evangelista, Jesus falou

“Eu sou a ressurreição.  
Quem crê em mim, ainda que morra,  
viverá.  
E quem vive e crê em mim  
Jamais morrerá” (Jo 11, 25-26)

Lázaro está vivo, mas ainda envolto em panos, e encara o Senhor. Jesus está à sua frente, em pé e com ambos os braços abaixados e as mãos voltadas para fora. Denota assim a conclusão de sua ação, diferentemente das demais cenas, quando o instante representado é o momento da cura. Aqui a intervenção está completa e Lázaro já foi chamado à vida. Ao fundo, notamos duas sombras, as irmãs de Lázaro, Maria e Ma



**Figura 10**

A ressurreição de Lázaro, Cláudio Pastro, Hospital Santa Catarina, São Paulo, 2004

### **Considerações finais**

Observamos que, ao longo de 2.000 anos, a Igreja seguiu o exemplo do Messias, acolhendo e cuidando de enfermos. Ainda hoje encontramos inúmeros hospitais fundados e administrados por ordens religiosas, como o Hospital Santa Catarina na capital paulista. Neste sentido, a obra produzida por Pastro para a recepção daquela instituição tem como finalidade acolher o observador e o levar a refletir sobre as circunstâncias que o trouxe até ali. Tendo em mente as palavras do Papa Francisco sobre as obras de arte, talvez aquelas pinturas toquem quem as contemple, proporcionando alento e esperança.

Pastro (2006) escreveu o seguinte sobre este políptico: “os traços e cores são suaves e tranquilos, tons pasteis, mostrando a alegria de viver através da cura” (p. 112). Este é o intuito destas pinturas: através das **Curas de Jesus** atingir o observador e mostrar-lhe como a fé tem o poder de curar, fé que o enfermo ou visitante deve carregar em seu coração. “A misericórdia olha, toca, levanta, cura...” (PASTRO, 2013, p.368)



### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Bíblia de Jerusalém**, Paulus, São Paulo: 2016

BROWN, Peter. *The rise of western Christendom: triumph and diversity, AD 200-1000*, Blackwell Publishing, Victoria/Austrália: 2010

**Hospital Santa Catarina 1906-2006**, Textos e fotos escolhidos por Cláudio Pastro, Grafa Editora, São Paulo: 2006

POTESTÁ, Gian Luca e Vian, Giovanni. **História do Cristianismo**, Edições Loyola, São Paulo: 2013

PASTRO, Cláudio. **A arte no cristianismo – fundamentos – linguagem – espaço**, Paulus, São Paulo: 2010.

\_\_\_\_\_. **Imagens do invisível** na arte sacra de Cláudio Pastro, Edições Loyola, São Paulo: 2013

RUPNIK, Marko Ivan. **A arte como expressão da Vida Litúrgica**, Edições CNBB, Brasília: 2019

TOMMASO, Wilma S. **O Cristo Pantocrator**, da origem às Igrejas no Brasil, na obra de Cláudio Pastro, Paulus, São Paulo: 2017

### **SITES CONSULTADOS**

Associação Congregação de **Santa Catarina**, em <http://novo.acsc.com.br/>, acessado em 05/03/2021

**Catecismo da Igreja Católica – Compêndio**, em [http://www.vatican.va/archive/compendium\\_ccc/documents/archive\\_2005\\_compendium-ccc\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html), acessado em 05/03/2021

**Dicionário Houaiss** online, em [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v5-4/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1), acessado em 05/03/2021

**Mensagem do Papa Francisco** aos artistas por ocasião do concerto de Natal no Vaticano, 12 de dezembro de 2020, em [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/december/documents/papa-francesco\\_20201212\\_artisti-concertodinatale.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/december/documents/papa-francesco_20201212_artisti-concertodinatale.html), acessado em 07/03/2021.